



## O Parque do Ibirapuera: Projetos, Modernidades e Modernismos

Fabiano Lemes de Oliveira (fabiano@sc.usp.br)

Departamento de Arquitetura e Urbanismo – EESC – USP

### Resumo

Estudo relativo às propostas desenvolvidas para a área do Ibirapuera, em São Paulo, de 1926 a 1954, no sentido de transformá-la em grande parque público. As concepções de modernidade envolvidas em cada trabalho são enfatizadas, bem como as linguagens utilizadas e os papéis dos atores individuais nas discussões e práticas urbanísticas, paisagísticas e arquitetônicas do período. Inicialmente, trabalhamos sobre uma primeira fase em que se pensam e se propõem ações no sentido de transformar a área em um parque urbano, de 1926 a 1950, nos focando mais especificamente nos trabalhos de Manequinho Lopes (1926-8), Prestes Maia (1930 e 1945) e de Robert Moses (1950). Na seqüência, nos detemos em como, a partir das comemorações do IV centenário de fundação da cidade, em 1954, o projeto para o Parque do Ibirapuera passa a ser visto como momento privilegiado de demonstração do progresso e modernização paulistana e como os distintos ideários se manifestavam tanto nas propostas para a área, quanto nos próprios eventos comemorativos. Analisamos, neste momento, as propostas de Christiano Stockler das Neves (1951) e de Sercelli (s/d). Por fim, tratamos do processo projetual da equipe de Oscar Niemeyer (1952-4), bem como dos projetos paisagísticos de Burle Marx (1953) e de Otávio Augusto Teixeira Mendes (1953).

Palavras-chave: Ibirapuera, arquitetura moderna, paisagismo modernista

### Abstract

Study of the developed proposes for the Ibirapuera area, in São Paulo, from 1926 to 1954, intending to turn it into a large public park. The involved modernity conceptions in wich work are emphasized, as well as the utilized languages and the role of the individual agents in the urbanistic, landscape and architectural discussions and practices of the period. Inicially, we worked on a first phase in wich are thought and proposed actions in order to convert the area into a urban park, throught 1926 to 1950, analysing especifically the works of Manequinho Lopes (1926-8), Prestes Maia (1930 and 1945) and Robert Moses (1950). Next, we focus in how, having in the offing the IV centenary comemorations of the foundation of the city, happened in 1954, the design for the Parque do Ibirapuera start to be seen as a privileged moment of demonstration of the progress and modernization of São Paulo and how the distincts ideas manifest themselves in the proposes for the area, as in the commemorative events. We study, in these moment, the Christiano Stockler das Neves and Sercelli's plans (1951 and unidentified date, respectively). Lastly, we treat of the projectual process of the squad of architects leadered by Oscar Niemeyer (1952-4) and of the landscaping works of Burle Marx (1953) and Otávio Augusto Teixeira Mendes (1953).

Keywords: Ibirapuera, modern architecture, modern landscape architecture

Inserida no antigo Rossio Municipal, as áreas do atual Parque do Ibirapuera e imediações passariam por indefinições de destinação e seriam objeto de intensas disputas entre o poder municipal e particulares no início do século XX. Localizava-se no então Distrito Sul da Sé, nas proximidades do Caminho do Mar e do caminho do gado em direção ao Matadouro Municipal e caracterizava-se por ser área de pastagens e descanso do rebanho desde o início da colonização paulistana. (Cf. TORRES, 1977, p.12)

As utilizações rurais dos terrenos do Ibirapuera vão permanecer recorrentes até as primeiras investidas do poder público no sentido de transformar a área em parque urbano. Se, essencialmente, até a inauguração do Jardim América, em 1919, nas proximidades do Ibirapuera, resumia-se sua destinação a atividades desvinculadas diretamente do tecido urbano, após os indicativos da Cia City<sup>1</sup> de atuar de modo mais intenso na região sudoeste da cidade, houve uma valorização crescente da área do Ibirapuera, e esta passara a ser objeto de intensas disputas legais, entre a prefeitura e invasores.

No processo judicial, ficou resolvido que as terras em questão eram de fato devolutas e que, desde 1660, haviam sido dadas como bem público do município. Assim, com a determinação legal da propriedade da área pela municipalidade e sua valorização crescente, tanto os novos moradores do setor sudoeste da cidade, como os investidores e o próprio poder público interessavam-se para que as áreas do Ibirapuera reforçassem o status recém adquirido de região “nobre” da cidade.

Assim, em 1926, temos, na gestão de Pires do Rio na Prefeitura Municipal de São Paulo, a primeira vez em que se pensa a área do Ibirapuera como possível grande parque público, como área verde urbana de grandes extensões. Em relatório, o prefeito comenta que “impunha-se a iniciativa de um vasto parque, útil à higiene da população urbana” lembrando que “a menos de dez minutos da Liberdade ou de Higienópolis, nas vizinhanças da Vila Mariana e do Jardim Aclimação há uma vasta extensão de terreno público, vazia de construções” (PIRES DO RIO, 1926)

É sintomática a utilização da expressão: “útil à higiene da população urbana”. De fato, a idéia de utilidade se constrói galgando o terreno da sanidade. Um local passível de utilização é prioritariamente, sob esta visão encampada, um ambiente higiênico, em que quaisquer focos de doença ou de possibilidades de contraí-las sejam esvaziadas (Cf. ANDRADE, 1996; PIRES, 1996; BRESCIANI, 1992). A idéia da construção de um parque ganha sentido.

Neste referido ano, Pires do Rio determina a Manoel Lopes de Oliveira Filho, conhecido por Manequinho Lopes, funcionário importante da Prefeitura, o encargo de iniciar a drenagem da lodacenta área do Ibirapuera, preparando-a para uma futura ocupação de parque.

Com essa intenção primeira, Lopes realiza a plantação de inúmeros eucaliptos australianos.<sup>2</sup> Na seqüência, em 1928, inaugura o viveiro de mudas do Ibirapuera, com uma série de estufas e ripados. As flores eram constantes em seus plantios. Após o início da cultura dos eucaliptos, com a criação da condição necessária para o cultivo de outras espécies, inúmeras essências nacionais e estrangeiras foram disseminadas na área.

---

\_\_\_\_\_

A sua apropriação do local e consequente visão de como deveria ser um parque público distanciava-se de qualquer utilização com fins esportivos ou “meramente” recreativos. Passava, sim, por uma grande preocupação com o embelezamento da cidade, com a educação botânica da população, do incentivo ao cultivo, do amor às plantas (VECCHIO, 2002). Os referenciais dos hortos e viveiros europeus, em especial os de origem alemã, refletem-se nesta proposta geral. O olhar científico para a natureza, tal qual a racionalidade e rigidez na disposição dos equipamentos do viveiro, inserem-se neste ideário.

### **Os Planos Gerais e o Parque: Prestes Maia e o Plano de Avenidas (1930)**

Prestes Maia em seu Plano de Avenidas comenta como deveria ser o futuro Parque do Ibirapuera, relatando de modo claro algumas intenções principais e descrevendo partes de sua constituição e respectivas funções. Não apresenta nenhum desenho ou ilustração, apenas uma relativa à proposta da Dierberger & Cia. De qualquer forma, a imagem que se pode perceber de seus escritos a respeito do parque são, em si, material de significativa importância para a compreensão das visões encampadas e discutidas a respeito das práticas urbanísticas e paisagísticas, de forma geral, em questão em cada período e, mais especificamente, para a percepção da sua contribuição sobre as discussões a respeito dos destinos do almejado Parque do Ibirapuera, com os festejados 2.000.000 m<sup>2</sup>, “dentro da cidade”.

Delimita duas áreas dentro do Ibirapuera, definindo dois parques distintos: um margeado pela Av. Brasil e outro na área mais próxima ao viveiro de mudas. O primeiro, de acordo com Maia, mais central e próximo a bairros de classe alta, teria um tratamento diferenciado, seria tratado “com mais arte e delicadeza” (MAIA, 1930, p. 343-4). A união destes dois espaços se daria por *parkways* e sua integração se faria por “quadras com traçado próximo ao modelo cidade-jardim.” Esta última estratégia compositiva ilustra como os modelos internacionais eram apropriados nas suas mais variadas acepções, sem que estes fossem assumidos na integridade da proposta original.

Pensa também na execução de um lago, em local propício, como se refere também, e pela primeira vez, na determinação de um espaço exclusivo para esportes e recreação.

Por fim, Prestes Maia dá outros indicativos de como deveria ser o projeto para o Parque do Ibirapuera, evitando por sua vez realizar um projeto próprio. Conhecedor das principais teorias e discussões urbanísticas e paisagísticas, posiciona-se no sentido de definir suas preferências e opções, deixando, por sua vez, ao cargo de Reynaldo Dierberger e equipe, a realização do projeto.

### **O Projeto de Dierberger**

Mencionado no Plano de Avenidas de Prestes Maia (1930), o projeto da Dierberger & Cia é brevemente comentado como “visivelmente influenciado pela moderna jardinagem Alemã” (p.344).

O agenciamento dos espaços responde a preocupações iniciais de embelezamento e de saúde pública. Dierberger entende a criação do parque como problema de urbanismo e estigma de modernidade. Deveria

apresentar-se belo, higienizado, colaborar para a divulgação do conhecimento botânico, para a saúde da população, o lazer, recreação e práticas esportivas<sup>3</sup>.

De modo geral, a estruturação do parque é definida essencialmente por quatro aspectos: a presença de amplos espaços gramados e arborizados, a definição de vias para passeio de pedestres, a implantação de formas geométricas marcantes e o grande eixo central no prolongamento da Avenida Brasil.

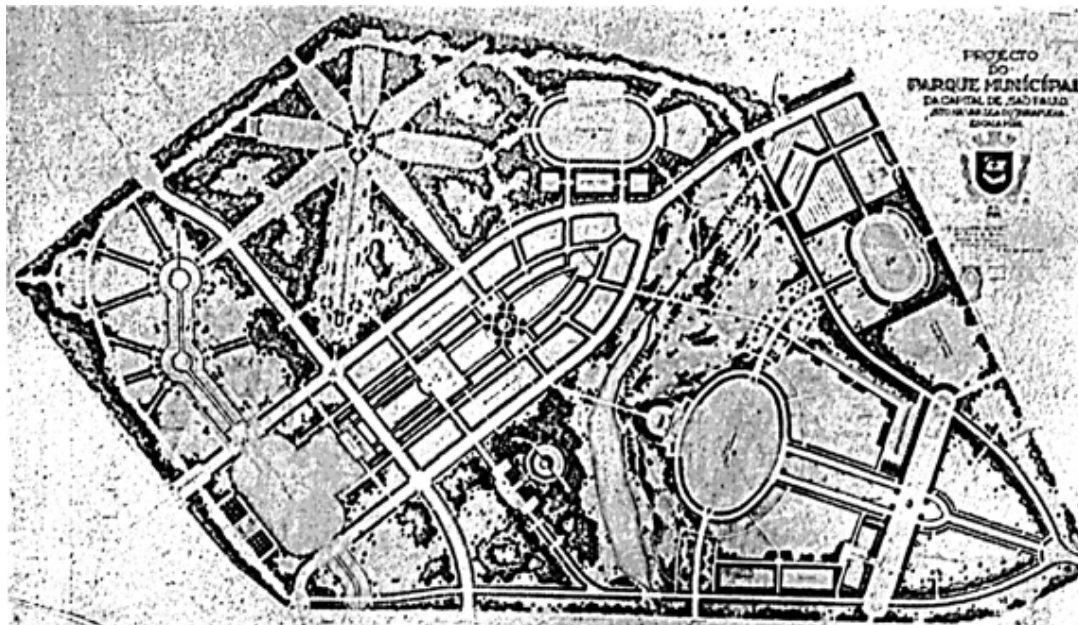


Figura 1 – Projeto de Dierberger & Cia para o Parque do Ibirapuera (1930). Fonte: DIERBERGER, 1930, p.35.

Os gramados permeiam todo o parque à referência explícita aos parques ingleses. Apresentam-se como pano de fundo sobre o qual Dierberger localizou os diversos equipamentos, campos de jogos, bosques, caminhos e trabalhos com água. Evidencia, ainda, em suas palavras, que se trata de um “parque popular”.

À esquerda do eixo, canais de águas unem-se à grande piscina e se aproximam da “cascata rústica” implantada no centro de um pequeno lago, aproveitando-se do córrego Boa Vista.

Assim, Dierberger descreve como seria a entrada e o eixo principais:

“Quem entrar no parque pelos suntuosos pórticos da entrada principal no fim da Avenida Brasil, é logo recebido pela larga e principal Avenida, a qual circundando todo o trecho central, conduz ao lado oposto até a Rua França Pinto, e avista, em seu ponto inicial, do lado direito, um largo e imponente “plano inclinado” em cujo centro se eleva o “Cassino Municipal”.

Em frente a este existem extensos gramados subdivididos por baixas cercas vivas, com molduras formadas por densas carreiras de árvores de sombra e ornamentais, ligando o Cassino à enorme “piscina” que, arquitetonicamente de acordo com o estilo desta parte central do parque, é situada neste ponto de mais baixo nível do terreno. O trecho compreendido entre as duas aléias e o cassino, é utilizado para a apresentação do jardim arquitetônico, tendo ao centro, como ponto principal, um imponente roseiral, e é circundado por cercas vivas caprichosamente talhadas.” (1930, p.34-8)<sup>4</sup>

Ainda a respeito desta ocupação central, podemos nos reportar a outras referências que não às estritamente francesas e inglesas. Segundo Panzini (1993, p.193), uma tipologia de “jardim alemão” se caracterizou a partir das atuações de Gustav Meyer e de Peter Joseph Lenné, dentre outros, em que se pode verificar, nos parques urbanos propostos desde o século XIX, dentre outros aspectos, a divisão da área em duas partes principais a partir de uma grande avenida.<sup>5</sup>

Dierberger também se apropria desta característica dos parques alemães, dividindo o Parque do Ibirapuera, em seu projeto, em duas partes, além da área central. Os desenhos estelares, bem como a implantação de campos de jogos em forma de estádio são outras características específicas da produção alemã e presentes no seu estudo.

Este trabalho de Dierberger é emblemático de questões fundamentais discutidas para as formas de ocupação do Parque do Ibirapuera e procedimentos de intervenção urbana em questão nas práticas correntes nas cidades brasileiras até o período. Era, para ele, fundamental, que o parque participasse do contexto de embelezamento da cidade, que se articulasse com o entorno, com o centro e novas obras; que proporcionasse espaços higienizados e de uso ao ar livre para as elites dos bairros privilegiados, bem como respondesse a critérios estéticos e de propagação do conhecimento. Em sua concepção, seria ao mesmo tempo belo, útil, higiênico e propagador do bom gosto e ciência botânica.

## O Plano de Melhoramentos para a Cidade (1945): Prestes Maia e a Retomada da proposição

Referenciando-nos nos escritos de Prestes Maia de 1945, percebemos como se sente profundamente insatisfeito com a não viabilização da idéia de construção de um parque no Ibirapuera.

A parte de seu texto que trata do parque, em si, é curta, menor que no Plano de Avenidas. Não mais dá diretrizes de ocupação, apenas apresenta uma imagem comentada na qual temos os Parques do Anhangabaú e do Ibirapuera unidos por um bulevar. Com parte das obras do Plano de Avenidas implementadas, Maia define a partir do Parque do Anhangabaú um eixo de expansão em direção ao Ibirapuera, unindo dois parques significativos para a cidade. O primeiro, central, representativo das primeiras intervenções do século XX no sentido de embelezar e sanear áreas importantes da cidade até então, o segundo marcando uma nova direção de crescimento e de intervenções urbanas. O desenho, em si, do Parque do Ibirapuera proposto é estelar, com um grande marco central, ponto focal de diversas vias.<sup>6</sup>

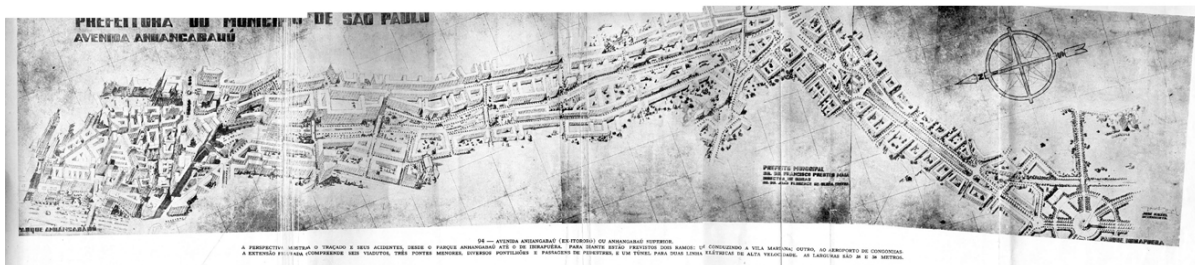


Figura 2 – Proposta de Prestes Maia para o Parque do Ibirapuera e sua interligação com o Parque do Anhangabaú (1945). Fonte: MAIA, 1945.

## O Plano Moses

Em 1949, o Prefeito Lineu Prestes contrata a IBEC – *International Basic Economy Corporation*, de Nova York, para elaborar um relatório sobre o planejamento geral de obras públicas para São Paulo e avaliar o anteprojeto do mesmo ano da lei de zoneamento. Entregue em 1950, este relatório, realizado sob a supervisão do urbanista Robert Moses, recebe o nome de “Programa de Melhoramentos Públicos para a Cidade de São Paulo”

Com precisão, pode-se admitir que Moses tenha se referenciado sobremaneira no “*Regional Plan of New York and Envirments*”, dirigido por Thomas Adams e apresentado em 1929. As idéias de um planejamento regional e com intensas preocupações de caráter econômicos são evidentes.

Comenta, a respeito do Parque do Ibirapuera, que

“os planos presentes deveriam ser reconsiderados, visando o fornecimento de áreas mais convidativas para a recreação ativa. A propósito, grande parte deste parque central está sendo usado para estufa de mudas para arborização. Tal viveiro deveria ser trasladado, pouco a pouco, para um lugar nos subúrbios, e sua área adicionada ao parque. “(MOSES, 1950, p.59)

Coloca a prerrogativa do privilégio da construção de espaços recreativos. Assim, justifica a retirada do Viveiro Manequinho Lopes para as imediações da cidade. Tem-se um discurso que sugere que a construção de um parque na área do Ibirapuera se faria de grande interesse para a cidade e se configuraria como um importante parque regional. Supera-se a idéia de um parque como intervenção de embelezamento e propõe-se um equipamento urbano com fins recreativos e de utilidade para distintos setores da sociedade e da região, não apenas para as vizinhanças imediatas. Apesar destas novas elaborações, ainda não se pensa o parque como grande símbolo de progresso e da metropolização da cidade, não ganha toda a carga de representatividade que iria ser depositário nas Comemorações do IV Centenário.

## A Comissão do IV Centenário

As comemorações revelam uma situação de ambigüidades e distintas leituras das formas de representação da São Paulo no seu IV Centenário, em 1954. A presença na cidade, no pós-guerra, de diversos grupos sociais, com conseqüentes embates das formas de sociabilidade e representações culturais e artísticas, marcam questões intrínsecas à constituição deste processo de crescimento da cidade e se fazem presentes na própria composição da comissão.<sup>7</sup>

Mesmo a vontade - de setores da elite econômica e cultural - de construção de uma outra cidade e de uma outra civilidade perpassava chaves referenciais completamente distintas. Antes de serem concepções e proposições unânimes, apontavam para disputas de idéias e interesses sobre a constituição da metrópole que surgia e das formas de explicitar este momento pelas festividades.

Nesse contexto, em 20 de julho de 1951 (COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO, 1951), foi instituída pelo governador Lucas Nogueira Garcez e pelo prefeito Armando de Arruda Pereira a “Comissão do IV

---

\_\_\_\_\_

Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo” composta por representantes da Prefeitura, do Estado e da iniciativa privada, com a incumbência de conceber, organizar e preparar as festividades do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo e que acabou por definir o Parque Ibirapuera como centro que abrigaria tais comemorações.<sup>8</sup>

De uma forma geral, a Comissão do IV Centenário realizou inúmeros eventos. Eventos que perpassaram os anos de sua criação até 1954, de espectro amplo, de diversas possibilidades de apreciação: A Exposição Internacional do IV Centenário, com a exposição das indústrias, das nações e dos estados; a I Feira Internacional de São Paulo; a II Bienal Internacional de São Paulo; a Exposição da História de São Paulo na Exposição da História do Brasil; o Ballet do IV Centenário; o I Festival Brasileiro de Folclore; os congressos das mais diversas profissões, dentre eles o IV Congresso Brasileiro de Arquitetos; além de diversos concursos, dentre eles de cartazes e de bandas civis; a participação de escoteiros paulistas em um grande desfile; um desfile militar para o qual foram convidadas inúmeras personalidades do país; queima de fogos; cordões carnavalescos; inúmeras apresentações de artistas de teatro, música, circo e televisão; inauguração da catedral, o lançamento da pedra fundamental da Cidade Universitária, a publicação de inúmeras obras, a presença de índios xinguanos etc. (CORREIO PAULISTANO, 1954, p.8)

E, dentre todas as manifestações artísticas e eventos de uma forma geral, a construção do Parque do Ibirapuera ganhou especial destaque, tanto pelos aspectos inerentes a sua própria conformação enquanto espaço de lazer e cultura de grande porte na metrópole paulista, quanto pela importância simbólica de sua constituição como espaço privilegiado das comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, de representação para a posteridade deste momento histórico.

## **A Comissão e as Disputas Internas**

A possibilidade de representação da força da cidade, da realização de eventos e construção de um parque tendo em vista as Comemorações do IV Centenário de Fundação da Cidade de São Paulo apresentou, nos intercursos da comissão, uma bipolarização de ideários e de posições, cujos principais representantes são: o industrial Francisco Matarazzo Sobrinho, conhecido por Ciccillo, e o arquiteto Christiano Stockler das Neves.

Afora as divergências de cunho artístico e cultural<sup>9</sup>, Stockler das Neves e Matarazzo Sobrinho envolveram-se, dentro da Comissão, em disputas políticas que acentuaram ainda mais as discordâncias entre eles. Segundo Christiano, após uma reunião realizada para definir os presidentes das subcomissões, Ciccillo, mesmo com a preferência do prefeito, perde o cargo de presidente da Subcomissão de Obras e Urbanismo para ele (1952a, p.1-2). Apesar dos seus esforços, após a presidência da Comissão do IV Centenário ter ficado nas mãos de Arruda Pereira, logo esta responsabilidade é assumida por Ciccillo Matarazzo que somente deixa a presidência com a saída do Prefeito, em 1953.

Para exemplificar estes desentendimentos entre ambos, vale citar carta de Stockler ao Governador Dr. Lucas Nogueira Garcez, datada de 19 de janeiro de 1952, em que reclama das dificuldades tidas no prosseguimento dos seus trabalhos à frente da subcomissão por ele chefiada:

---

\_\_\_\_\_

“O Sr. Matarazzo Sobrinho, que não viu com bons olhos a substituição do seu nome pelo meu, na presidência da Sub-Comissão de Obras e Urbanismo, criou-me toda a sorte de embaraços ao desempenho de minhas funções, não só porque os nossos pontos de vista são diametralmente opostos em matéria de arte, como, também, por já ter a idéia preconcebida de chamar seus amigos arquitetos para todos os planos do IV Centenário. Assim é que criou aquela equipe de arquitetos modernistas, afim de anular minha ação, por ele considerada altamente prejudicial à ‘arte moderna’, é óbvio.”

### A Proposta de Christiano Stockler das Neves<sup>10</sup>



Figura 3 – Proposta de Christiano Stockler das Neves para o Parque do Ibirapuera (1951). Fonte: Biblioteca da FAUUSP.

Segundo o próprio Christiano, o Parque do Ibirapuera deveria prestar-se, para além do seu sentido simbólico de representação da grandiosidade paulista no seu IV Centenário e de sua finalidade no contexto comemorativo, como espaço de recreação belo e agradável à contemplação humana, como arte urbana. Coloca-se contra a inserção de um centro de esportes e de um parque de diversões. (NEVES, 1951, p.1-7)

Assim, com esperança de ver em São Paulo um parque urbano nos moldes dos grandes parques franceses ou, em suma, um parque apropriando-se das melhores características do que considerava as três principais correntes paisagísticas (a inglesa, a italiana e a francesa), Christiano Stockler das Neves apresenta ao então Governador do Estado um anteprojeto para o Parque do Ibirapuera datado de 22 de setembro de 1951, em rebatimento a um projeto realizado pela Prefeitura Municipal do qual foi parecerista e crítico ferrenho.



A organização espacial é muito clara em seu conjunto, apresentando três momentos bem definidos e caracterizados. O primeiro e mais marcante no projeto ocupa quase a totalidade da área e apresenta traçado bastante geométrico, referenciado nos jardins franceses formais; a segunda área, “de tipo italiano”, é destinada ao público infantil, próxima à Avenida Indianópolis; e a terceira, com traçado mais sinuoso: o “tipo jardim inglês”. Segundo Neves,

“teríamos, assim, uma modernização daqueles tipos de parques que os grandes mestres do passado nos legaram, de cujos ensinamentos não se pode fazer tabua rasa, maximé, nesta época de decadência de espírito e gosto.” (1952b)

Apesar dos esforços de Cristiano das Neves, à convite de Matarazzo Sobrinho e com apoio político do Prefeito, o grupo de arquitetos liderados por Oscar Niemeyer realiza o projeto a ser construído.

## **O Estudo de Sercelli**

Um outro anteprojeto localizado foi o assinado por Sercelli e cujo título era: “Grande Exposição Comemorativa do IV Centenário”. Não possui data, mas supõe-se que tenha sido realizado nos primeiros anos da década de 50, já que se refere claramente ao momento do IV Centenário e à Exposição Comemorativa que se realizaria. Esta proposta também nega a opção de adoção de um modelo modernista para o Parque do Ibirapuera.

Unindo numa única prancha uma perspectiva axonométrica e ilustrações aquareladas de áreas de interesse, propõe outras formas de ocupação da área. Pensada principalmente a partir da delimitação pelas Avenidas Brasil e Indianópolis e pela Rua França Pinto, o anteprojeto também concentra os edifícios, como na proposta de Niemeyer e equipe, em pouco mais da metade da área. Há indicações distribuídas para os demais espaços, como o Pavilhão da Cidade de São Paulo, um setor nordestino, um local para um parque de diversões, etc. A caracterização do núcleo central do espaço projetado do parque assinala uma forte intenção de demarcação da área, de ocupação pontuada por edifícios e elementos monumentais expressivos, por um desenho viário de geometria anular e radial. As construções, com formas semelhantes e próximas de edifícios em estilo *art-déco* apresentam claras aproximações com a arquitetura racionalista italiana.

---



Figura 4 – Anteprojeto assinado por Sercelli para o Parque do Ibirapuera (s/d). Fonte: Arquivo Municipal Washington Luis.

Questões de representatividade e formas de explicitação do momento paulista nas Comemorações do IV Centenário alcançam neste estudo mais uma possibilidade. A definição dos grandes eixos, dos núcleos circulares e espaços de entorno, dos lagos, entradas principais, disposição de fontes e monumentos, como o próprio programa sugerido, retrabalham a vontade de demonstração de uma cidade “moderna”, cujo progresso era um dos motes que alavancaria o seu crescimento. O foco dos eixos sobre o grande monólito representativo do crescimento da cidade, como o pavilhão da cidade como ponto de fuga da entrada principal, ilustra essa preocupação exibicionista. Parecem marcar o centro do país, o lugar de atração e irradiação de pessoas, riqueza, cultura e modernidade. O comércio, o período cafeeiro, as indústrias, instituições públicas e a referência à presença dos demais Estados da Federação na construção do desenvolvimento da cidade e, em suma, do país, pretendem qualificar a cidade como *locus* das principais decisões econômicas, culturais e até políticas e militares.

### **Os Trabalhos da Equipe de Niemeyer<sup>11</sup>**

Convidada por Matarazzo Sobrinho, a equipe formada pelos arquitetos Oscar Niemeyer, Zenon Lotufo, Eduardo Kneese de Mello e Hélio Cavalcanti, com colaboração de Gauss Estelita e Carlos Lemos, começa seus estudos na área do parque do Ibirapuera, já em 1951, ano da instauração da Comissão do IV Centenário. Participaram também outros profissionais como: Ícaro de Castro Melo, Milton Ghiraldini - responsável pela urbanização do Parque - Otávio Augusto Teixeira Mendes, pelo projeto paisagístico, entre outros. Burle Marx foi chamado a colaborar e, em 1953, apresenta um projeto que acabou não executado.

Encontram uma ampla área, de mais de um milhão e oitocentos mil metros quadrados, para a realização do parque. Restavam, nos limites da área, nas então Rua França Pinto e Av. Indianópolis (atuais Av. IV Centenário e Av. República do Líbano) propriedades particulares herdadas das décadas anteriores, além dos eucaliptos e do viveiro de mudas.

Os primeiros estudos para a área, de maio de 1952, carregam a concepção inicial que pautará todo o encaminhamento subsequente: grandes edifícios unidos por uma marquise e ladeados por um lago de extensas dimensões. O primeiro estudo até então identificado concentra os pavilhões próximos uns dos outros ligados por uma marquise de dimensões bastante reduzidas, tendo em vista a construída, sendo evidente o problema de escala. A entrada já possui seus dois edifícios característicos: o auditório e o Planetário, porém isolados, sem qualquer conexão com o restante do projeto. Em relação a toda a área de intervenção, a localização pontual e as dimensões propostas eram completamente insuficientes para qualquer sentido de estruturação geral do parque.

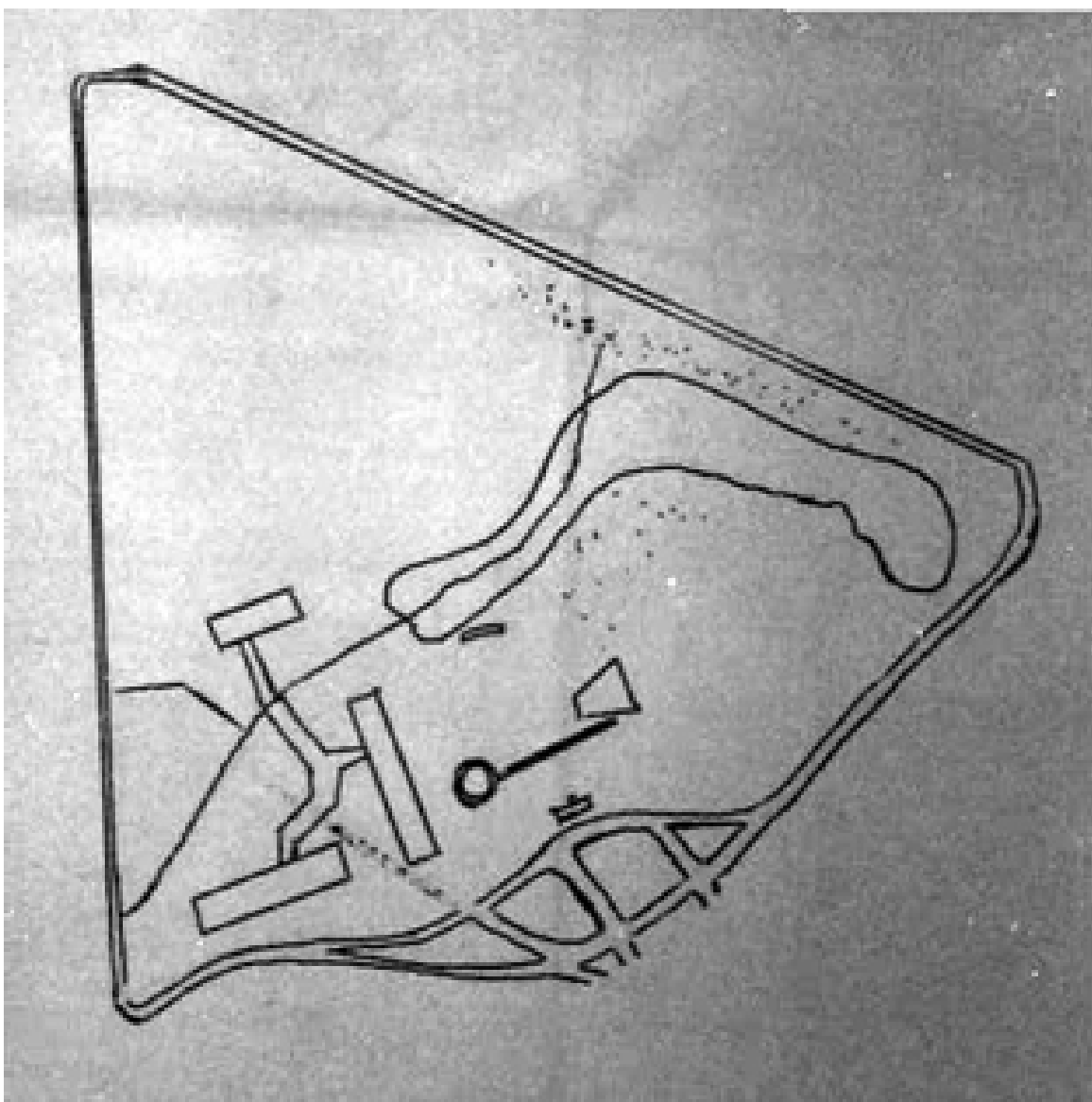


Figura 5 - Reprodução de estudo da equipe de Niemeyer para o Parque do Ibirapuera (30/05/1952). Fonte: Arquivo Municipal Washington Luis.

Ao longo dos estudos, neste mesmo ano, esse conjunto cresce proporcionalmente. A marquise, com traçado bem menos elegante que a executada, é definida por uma mescla de linhas retas e curvas, agora unindo todos os edifícios: os três pavilhões, os edifícios da entrada e o restaurante, que surge então.

Outro desenho aproxima-se significativamente do anteprojeto apresentado em outubro de 1952<sup>12</sup>, seja pela própria forma da marquise, seja em relação à disposição das edificações, como também pelo traçado do lago e enlaçamento da intervenção construída. Na apresentação do anteprojeto, a relação entre os edifícios, a marquise, o lago e os caminhos propostos encontram uma proporção mais equacionada.

Após sua apresentação em 1952, o anteprojeto passa por uma fase de desenvolvimento e de maturação. Os edifícios, por necessidades programáticas, se tornam maiores e suas implantações passam a ser cuidadosamente estudadas, tendo em vista as dificuldades de assentamento no terreno. Chega-se, em janeiro de 1953, ao desenho final do conjunto. A reformulação da forma da marquise, deixou-a com traçado mais suave e com quatro pontos de contato com os edifícios, já que a ligação com o restaurante a beira do lago foi suprimida. Os pavilhões sofreram alterações de locação e nos seus volumes, mantendo, contudo, as características geométricas iniciais. A entrada preservou seu caráter monumental, com o dueto compositivo: o Pavilhão de Exposições e o Auditório marcando o acesso à intervenção.

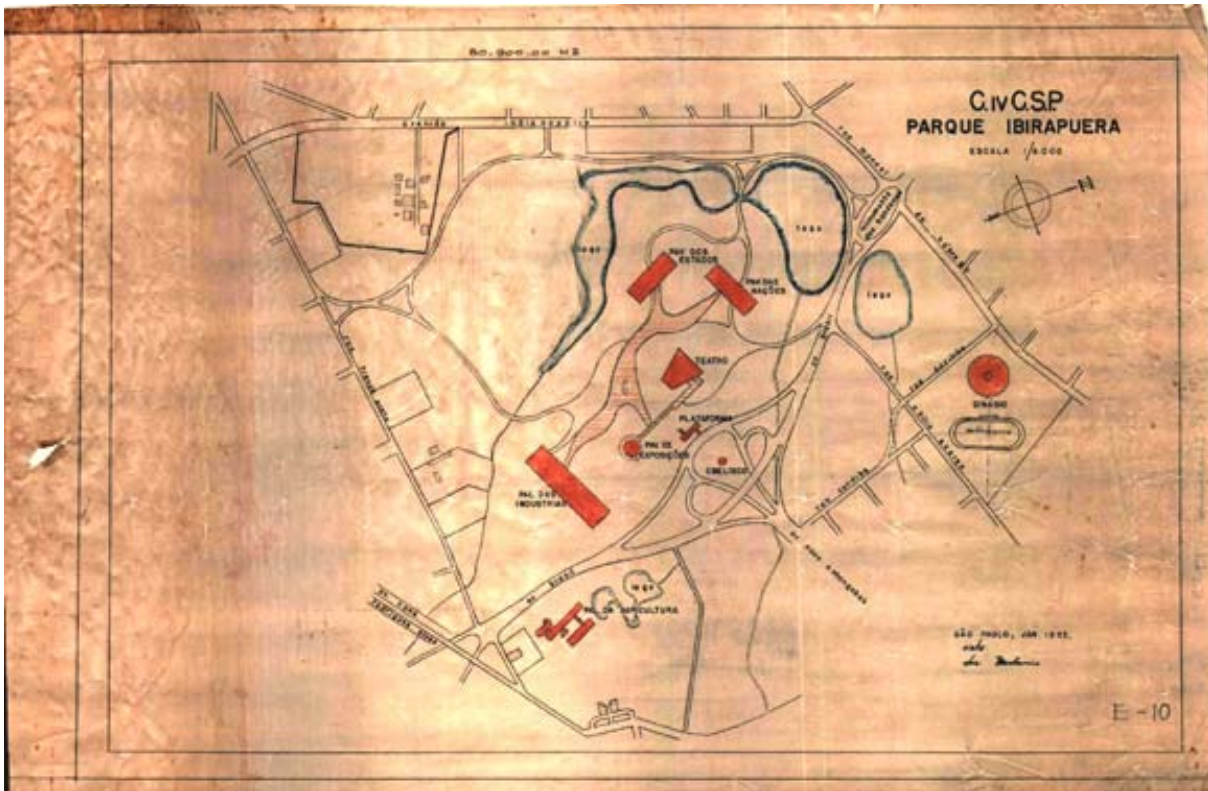


Figura 6 – Projeto final da equipe de Niemeyer para o Parque do Ibirapuera (janeiro de 1953). Fonte: Arquivo Municipal Washington Luis.

Entretanto, este projeto não é construído por completo. O restaurante à beira do lago, do mesmo modo como o auditório e a plataforma de entrada são excluídos das realizações.<sup>13</sup>

O Parque foi finalmente inaugurado, em 1954, com o Palácio das Indústrias, Palácio das Nações, Palácio dos Estados, Palácio das Exposições, Palácio da Agricultura, a Marquise, o Ginásio de Esportes, O Velódromo e os lagos tendo ganhado em seguida o Planetário e o Pavilhão Japonês.

O projeto deste espaço de arte e cultura, de recreação e esportes propôs uma possibilidade de enfrentamento do uso das novas técnicas e materiais, de concepção de novas formas e releituras na proposição e reflexão sobre o espaço “moderno” e nacional, de uma discussão de identidade da arquitetura brasileira, do seu debate, aclamação e questionamento. O Parque do Ibirapuera, ao marcar um momento do desenvolvimento dessa “arquitetura moderna brasileira”, representa uma oportunidade de recuperação, de continuidade no desenvolvimento, mas também um caminho para a elaboração de procedimentos que somente em outros projetos posteriores serão plenamente realizados.

## **O Paisagismo no Parque**

As condições em que surgem dois projetos paisagísticos praticamente simultâneos para o Parque do Ibirapuera, no desenrolar dos acontecimentos às vésperas do ano de comemoração do aniversário de 400 anos de São Paulo, ainda não se aclararam devidamente. Ambos, Burle Marx e Teixeira Mendes, apresentam suas propostas em 1953.

O projeto de Burle Marx era assaz vibrante. A composição reverberava cores e situações ao longo de todo o conjunto construído.

Há a hipótese de que Niemeyer tenha procurado evitar tal solução paisagística em função da preferência por uma concepção mais homogênea, que procurasse focar os edifícios, proporcionando perspectivas e que, de nenhuma forma, competisse visualmente com o proposto por sua equipe. Assim, pode ter havido uma interferência direta de Oscar a fim de se optar por uma proposta cujas características se aproximassem do que imaginava o ideal para a situação.

Além deste aspecto, Burle Marx e Niemeyer quiçá já não tinham um bom relacionamento. Em artigo no “Estado de São Paulo”, em 1992, parece haver um rancor do paisagista em relação ao arquiteto, da época dos trabalhos no Ibirapuera, descartando completamente a hipótese de trabalharem juntos na reforma prevista para o parque:

“O arquiteto Oscar Niemeyer não vai participar do novo plano de tratamento urbanístico e paisagístico do Parque do Ibirapuera. Niemeyer, autor do projeto original do parque, ficará de fora por exigência do paisagista Burle Marx (...)”

Na seqüência da reportagem o autor afirma que Burle Marx havia dito, no dia anterior, que “não trabalha com o arquiteto ‘de jeito nenhum’”. E que “os dois têm uma divergência histórica e, de acordo com a equipe que trabalha com Niemeyer no Rio, freqüentemente ‘trocam farpas’”.

---

\_\_\_\_\_

É muito provável que Niemeyer tenha tido significativa influência junto à presidência da Comissão para barrar o projeto do paisagista.

Por outro lado, a utilização de funcionários estaduais, como era o caso de Otávio Mendes, era facilitada e mesmo induzida, já que não acarretaria custos extras à comissão organizadora dos eventos comemorativos. Os custos a serem computados não eram, entretanto, relativos apenas aos honorários profissionais. Evidentemente, pela grande variedade e espécies escolhidas para os jardins, o projeto de Burle Marx era, com nitidez, de execução e manutenção mais complexa.

Burle Marx foi convidado para desenvolver sua proposta sob imensa responsabilidade. Como, com sua obra paisagística, colaborar com a arquitetura do Parque Ibirapuera na constituição de um exemplo brasileiro de seu tempo? Seria esse um dos momentos mais significativos de sua obra no que diz respeito à oportunidade de realizar um trabalho de síntese das questões até então por ele trabalhadas? Seria o ponto de exacerbação da percepção sobre o papel do verde nas metrópoles?

O projeto para o parque, não passou da fase de anteprojecto, porém já nesses estudos pode-se visualizar a maneira com que o paisagista procurou enfrentar essas questões. O seu repertório surge com grande força e, dentre outros aspectos, a utilização da flora nacional, o papel das associações ecológicas, o entendimento do paisagismo como obra de arte e sua atuação relacionada à arte moderna e a valorização do papel do verde nas grandes cidades foram explorados com enorme riqueza.

A utilização da flora nacional, questão primordial em toda a sua obra, acrescida da preocupação com as associações ecológicas, renderam grandes espaços cujo verde e floridos policrômicos teriam sido exuberantes. O seu olhar para formas de composição e para a arte moderna, juntamente com sua experiência adquirida, proporcionaram desenhos de canteiros, de pisos e dos espaços com água de grande expressividade no contraponto à arquitetura. Burle Marx não viu seu projeto implantado. Em 1974, faz outro projeto que acaba tendo o mesmo fim do primeiro.

Segundo Mariano (2003), Otávio Augusto Teixeira Mendes também se vinculava à produção modernista e encampava princípios semelhantes aos preconizados por Burle Marx, quais sejam a utilização de flora autóctone, o combate à estilização européia dos jardins no Brasil, a forte preocupação preservacionista e uma ritmação ímpar do desenho.

Em sua proposta para o Parque do Ibirapuera, Mendes propôs um traçado de caminhos que se harmonizasse com o conjunto e que propiciasse amplas perspectivas. O desenho dos percursos é, de fato, bastante sutil, delicado, sinuoso e com certas flexibilizações na largura criando, de quando em quando, e principalmente nas proximidades dos quadros edificadas, espaços mais amplos de estar, de convívio, de observação dos prédios e marquise.

Percebe-se uma preocupação geral de definição de maciços arbóreos bem nítidos, bem como de pausas, de aberturas. Otávio Augusto demonstra com seu desenho uma apreensão, uma forte intenção de que seu projeto tivesse uma grande unidade interna e que se relacionasse atonalmente com as construções e lagos propostos pela equipe de Niemeyer. A homogeneização é evidente.

No sentido de que entende a necessidade de preservação da flora e das paisagens naturais, de que se interessou pela divulgação e utilização de espécimes locais e de utilização de uma linguagem não classicizante em seus trabalhos paisagísticos, pode-se notar uma aproximação, um diálogo evidente com

Roberto Burle Marx. Este, com composições mais eufóricas e vibrantes, o outro com organizações espaciais mais serenas, porém, ambos abarcando reflexões semelhantes.

## Considerações Finais

Os termos da bibliografia existente sobre o Parque do Ibirapuera se remetem quase que unanimemente aos trabalhos modernistas dos primeiros anos da década de 50, omitindo, freqüentemente, outras possibilidades de linguagem para a realização do projeto, bem como as outras soluções propostas, as discussões, os empasses, todo um cenário no qual se desenrolaram as situações que culminaram para a chamada de Niemeyer e seu grupo de arquitetos convidados para o projeto do parque. A idéia difundida de que a solução modernista adotada era aplaudida e comemorada por toda a cidade, como única solução possível, não nos parece fundamentada.

Até Moses, temos um conjunto de intenções muito conectadas a um ideário com forte preocupação higienista, de resolução dos problemas gerais do viário e, em geral, a planos para a cidade cujas preocupações com as áreas verdes não eram em nada primordiais, ficando a reboque, principalmente, dos trabalhos de infraestrutura e de circulação viária.

As outras propostas, do começo da década de 50, mencionadas na seqüência, reivindicam, por sua vez, a possibilidade de representar a cidade neste período. São pensadas como símbolos de modernidade, sob outras concepções que não as modernistas.

Temos, durante o período estudado e, especialmente, nas elaborações de pós-guerra, concepções as mais variadas a respeito da idéia de modernidade urbana. O Ibirapuera, marco nítido da arquitetura, urbanismo e paisagismo modernistas no Brasil, representa, ao se estudá-lo em profundidade, uma obra de significativa relevância não apenas para as discussões travadas nas elaborações modernistas, mas também colabora para a verificação dos debates correntes acerca das concepções de modernidade e de construção e expressão de uma identidade nacional.

## Notas

<sup>1</sup> City of San Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited

<sup>2</sup> Curioso atentar que este gênero perpassou tanto a cultura agrícola, como a florestal e a urbana. Em suma, a imagem do eucalipto passa da sua utilização no campo para o uso citadino. É alçado à condição de instrumento de promoção de qualidades no meio urbano, fundamentalmente, em seu emprego sanitário. Sua utilização citadina será aceita, primeiramente, para tratar de aspectos de higienização, para, na seqüência, incluí-lo como gênero propício ao emprego paisagístico. Não chega diretamente ao uso urbano por atributos estéticos ou por emprego tradicional ao longo das tradições paisagísticas. É o seu caráter de "utilidade" que o possibilita galgar um posto entre os demais gêneros e espécies recorrentemente empregadas nos jardins e praças para seu embelezamento. A respeito da cultura dos eucaliptos no Brasil, vale citar a ampla obra de Navarro de Andrade.

<sup>3</sup> Como Manequinho, apresenta uma visada higienista a respeito das "funções" do parque. Por sua vez, Dierberger apresenta, de maneira mais explícita, uma preocupação estética. A idéia de embelezamento urbano assume referenciais mais claros.

<sup>4</sup> Percebe-se uma nítida referência aos jardins Arts and Crafts. As aproximações com esta tradição se fazem presentes nas elaborações da prática paisagística alemã e são evidentes nos trabalhos de Dierberger. A dicotomia enfrentada entre a opção pelo formalismo geométrico e pelas simulações inglesas da natureza, bem como as delimitações dos espaços terem sido primordialmente pensadas pela disposição de arbustos quase sempre podados representam características marcantes destes jardins. Havia uma forte predileção por flores, que cresciam sem a vigilância da poda, da mesma maneira que arbustos baixos, em contraposição aos muros arbustivos sempre bem aparados.

- <sup>5</sup> Esta organização é evidente nos parques alemães de Treptow , Humboldthain e no próprio Tiergarten.
- <sup>6</sup> Novamente, como em 1930, a questão viária aparece, bem como a preocupação com a valorização do entorno. Com estes dois equipamentos urbanos, a elite econômica teria nas suas proximidades espaços belos, verdes, de recreação e instrumentos de valorização imobiliária. Por sua vez, nesta nova proposta, destaca com maior ênfase a inserção urbana do parque.
- <sup>7</sup> Os debates entre o “arcaico” e o “moderno”, no pensamento social brasileiro, e de como o processo de modernização e de busca de uma modernidade urbana no país carregam, imbricados, estes dois lados da formação nacional, alcançaram profundas discussões ao tratar dos anos 50 paulistanos. Sobre o assunto, confira, dentre outros, RIZEK, 2002.
- <sup>8</sup> A segunda Comissão, criada em virtude de uma lei municipal em 25 de janeiro de 1952, foi composta inicialmente por sete membros nomeados pelo Prefeito e outros sete pela Câmara Municipal. Nesta nova formatação, os convênios entre os poderes municipais e estaduais haviam ampliado as possibilidades de colaboração, de atuação conjunta. Em seguida, novos elementos se integraram e Ciccillo Matarazzo assume a presidência da Comissão. Houve ainda mais uma equipe, presidida a partir de 1954 por Guilherme de Almeida.
- <sup>9</sup> Ciccillo representou tanto grupos sociais vinculados à produção industrial, como setores envolvidos direta ou indiretamente com a produção modernista nas artes. Sobre Stockler das Neves, pode-se dizer que foi figura singular da resistência ao movimento moderno na arquitetura, urbanismo e nas artes em geral, apoiando-se no que chama de “tradição clássica”.
- <sup>10</sup> Para uma análise mais detalhada a respeito desta proposta, confira: OLIVEIRA, 2002.
- <sup>11</sup> Para maiores informações a respeito do desenvolvimento do projeto pela equipe de Niemeyer, confira trabalho apresentado no II Encontro Estadual DOCOMOMO/GTVPAT, em 2002, em Taubaté, intitulado: “O Parque do Ibirapuera e a Arquitetura Moderna Brasileira”.
- <sup>12</sup> Em 1952, as intenções do grupo são expostas através de um catálogo explicativo do projeto e de uma maquete.
- <sup>13</sup> Por razões econômicas, segundo justificada da Comissão do IV Centenário.

## Referências Bibliográficas

- ADAMS, Thomas. The New York Regional Plan – The making of the plan. City and Regional Planning Conference. New York City: The norman remington Co, 1925.
- ANDRADE, Carlos R. M. “Putrid Miasmata”: Higienismo e Engenharia Sanitária no século XIX. Cadernos de Arquitetura. Bauru: FAAC, UNESP, 1996, p.37-52.
- BRESCIANI, Maria S. Permanência e ruptura no estudo das cidades. FERNANDES, A.; FILGUEIRS, M. A. (org) Cidade & História – Modernização das cidades nos séculos XIX e XX. Salvador: UFBA, 1992.
- COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO. Ata da reunião de instalação da Comissão encarregada de promover os festejos comemorativos do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo (1951). São Paulo, 20 jul., 1951.
- CORREIO PAULISTANO. Excepcionais festividades marcarão a passagem do IV Centenário da fundação da Cidade de São Paulo. Correio Paulistano, São Paulo, jan., 1954.
- DIERBERGER, Reynaldo. O Parque Municipal do Ibirapuera, em São Paulo. Revista Architectura e Construções. jun., v.1, n. 11, 1930, p. 34.
- DOURADO, Guilherme O. M. Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx. São Carlos: EESC/USP, dissertação de mestrado, 2000.
- VECCHIO, Maria T. A. F. Entrevista. Entrevistador: Fabiano Lemes de Oliveira. São Paulo: 08 de abr. de 2002. 2 cassetes sonoros. [a entrevistada era sobrinha neta de Manequinho Lopes].
- ETZEL, Eduardo. O Verde da cidade de São Paulo. Revista do Arquivo Municipal, n. 195, 1982, p.51-76.



LEPETIT, Bernard. Por uma Nova História Urbana. Seleção de textos, revisão crítica e apresentação: Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Edusp, 2001.

MAIA, Prestes. Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo. São Paulo: PMSP, 1930.

\_\_\_\_\_. Os Melhoramentos de São Paulo. São Paulo: PMSP, 1945.

MARIANO, Cássia. Preservação e paisagismo em Otavio Augusto Teixeira Mendes. São Paulo: FAUUSP, Tese de Doutorado, 2003.

MOSES, Robert. Programa de Melhoramentos Públicos para São Paulo. São Paulo: PMSP, 1950.

NEVES, Christiano S. Parecer. [11 set.] Parecer a um projeto de urbanização do Parque do Ibirapuera realizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo. Consultor: Christiano Stockler das Neves. São Paulo, 1951.

\_\_\_\_\_. Relato. [11 jan.] Relato sobre seus desentendimentos com Francisco Matarazzo Sobrinho na Comissão do IV Centenário, a escolha do local da Exposição Internacional e a definição do projeto para o Parque do Ibirapuera. São Paulo, 1952a.

\_\_\_\_\_. Parque do Ibirapuera. Jornal de São Paulo, 17 ago, 1952b.

NIEMEYER, Oscar. et al. Ante-Projeto da Exposição do IV Centenário de São Paulo. São Paulo, 1952.

ESTADO DE SÃO PAULO. Bule Marx afasta Niemeyer da reforma do Parque do Ibirapuera. O Estado de São Paulo, p.2, [15 de jan.], 1992.

OLIVEIRA, Fabiano L. Para o Bem de São Paulo, Para o Belo em São Paulo: uma Proposta de Christiano Stockler das Neves para o Parque do Ibirapuera. Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Salvador: UFBA, 2002.

PANZINI, Franco. Per I Piacere del Popolo. L'Evoluzione del Giardino Pubblico in Europa dalle Origini al XX Secolo. Bologna: Ed. Zanichelli, 1993.

PIRES, Emilia F. O sistema de parques públicos na história do paisagismo. Cadernos de Arquitetura. Bauru: FAAC, UNESP, 1996, p.53-60.

PIRES DO RIO, J. Relatório de Prefeitos. São Paulo, 1926.

RIZEK, Cibele S. Os sentidos da cidade brasileira: figurações da ordem e de seus avessos. Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Salvador: UFBA, 2002.

TORRES, Maria C.T.M. Ibirapuera. São Paulo: Col. História dos bairros de São Paulo, v. 11, PMSP, SMC, DPH, Divisão do Arquivo Histórico, 1977.